



ENSINO E EXTENSÃO NA UNISC: PRÊMIO HONRA AO MÉRITO 2019

**Paula Camboim Silva de Almeida
e Heron Sergio Moreira Begnis**
ORGANIZADORES

TRABALHOS SELECIONADOS NA X EDIÇÃO DO PRÊMIO HONRA AO MÉRITO
DO X SALÃO DE ENSINO E DE EXTENSÃO - 2019



Paula Camboim Silva de Almeida
Heron Sergio Moreira Begnis
(Organizadores)

ENSINO E EXTENSÃO NA UNISC: PRÊMIO HONRA AO MÉRITO 2019

TRABALHOS SELECIONADOS NA X EDIÇÃO DO **PRÊMIO HONRA AO MÉRITO**
DO X SALÃO DE ENSINO E DE EXTENSÃO DA UNISC — **2019**



Santa Cruz do Sul
EDUNISC
2020



Reitora
Carmen Lúcia de Lima Helfer

Vice-Reitor
Rafael Frederico Henn

Pró-Reitor Acadêmico
Rolf Fredi Molz

Pró-Reitor Administrativo
Dorivaldo Brites de Oliveira

EDITORA DA UNISC
Editora
Helga Haas

COMISSÃO EDITORIAL
Helga Haas - Presidente
Adilson Ben da Costa
Carlos Renê Ayres
Cristiane Davina Redin Freitas
Hugo Thamir Rodrigues
Marcus Vinicius Castro Witczak
Mozart Linhares da Silva
Rudimar Serpa de Abreu

© Copyright: dos autores
1ª edição 2020

Direitos reservados desta edição:
Universidade de Santa Cruz do Sul

Editoração: Clarice Agnes

Capa: Denis Ricardo Puhl
(Assessoria de Comunicação e Marketing)

E59 Ensino e extensão na UNISC [recurso eletrônico] : Prêmio Honra ao Mérito 2019 : trabalhos selecionados na X edição do Prêmio Honra ao Mérito do X Salão de Ensino e de Extensão da UNISC : 2019 / Paula Camboim Silva de Almeida, Heron Sérgio Moreira Begnis (organizadores). – 1. ed. - Santa Cruz do Sul : EDUNISC, 2020.

Dados eletrônicos.

Inclui bibliografias.

Modo de acesso: World Wide Web: www.unisc.br/edunisc

ISBN 978-65-88564-01-1

1. Ensino superior. 2. Extensão universitária. 3. Universidade de Santa Cruz do Sul. I. Almeida, Paula Camboim Silva de. II. Begnis, Heron Sérgio Moreira.

CDD 378.8165

Bibliotecária: Muriel Thurmer - CRB 10/1558



Avenida Independência, 2293
Fones: (51) 3717-7461 e 3717-7462
Fax: (051) 3717-1855
96815-900 - Santa Cruz do Sul - RS
E-mail: editora@unisc.br - www.unisc.br/edunisc





IX SALÃO DE ENSINO
E DE EXTENSÃO
XXV SEMINÁRIO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
*Descobrimo novas formas
de aprender*

**COMITÊ DE AVALIAÇÃO DOS RESUMOS/TRABALHOS DO IX SALÃO DE ENSINO E
DE EXTENSÃO – 2019**

Ciências Humanas:

Dulce Grasel Zacharias (Depto. de Psicologia)
Susana Margarita Speroni (Depto. de Educação)
Marta Von Dentz (Depto. de Ciências Humanas)

Suplentes:

Carlos Rene Ayres (Depto. de Letras)
Paula Camboim Silva de Almeida (Depto. de Ciências Humanas)

Ciências Exatas, da Terra e Engenharias:

Márcio Pacheco (Depto. de Computação)
Letícia Diesel (Depto. de Engenharias, Arquitetura e Ciências Agrárias)
Jonas Álvaro Kaercher (Depto. de Engenharia, Arquitetura e Ciências Agrárias)

Suplentes:

Sérgio Célio Klamt (Depto. de Matemática)

Ciências Biológicas e da Saúde:

Bianca Inês Etges (Depto. de Educação Física e Saúde)
Moisés Romanini (Depto. de Psicologia)
Angela Cristina Ferreira da Silva (Depto. de Educação Física e Saúde)

Suplentes:

Simone Caldas Bedin (Depto. de Psicologia)
Francisca Maria Assmann Wichmann (Depto. de Educação Física e Saúde)
Andreas Kohler (Departamento de Biologia e Farmácia)

Ciências Sociais Aplicadas:

Cassio Alberto Arend (Depto de Direito)
Alexandre Davi Borges (Depto. de Comunicação Social)
André Kohl (Depto. de Ciências Administrativas/Cursos Tecnólogos Dinâmicos)

Suplentes:

Márcia Rosane Frey (Depto de Ciências Contábeis)
Leonel Fernando Aurélio Aires (Depto. de Comunicação Social)

Comissão Organizadora:

PROEXT

Angelo Hoff (Pró-Reitor)
Paula Camboim Silva De Almeida
Rosalice Silva Spies
Tanara Iser

PROGRAD

Elenor José Schneider (Pró-Reitor)
Heron Sérgio Moreira Begnis
Edilene Vasconcelos Brun



PSICOLOGIA ESCOLAR E OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE: PRODUÇÃO DE DEMANDAS E INTERVENÇÕES EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO SUL

Diéssica Rocha de Carvalho¹
Stéfanni Vargas Silveira²
Débora Larissa de Camargo³
Camille Serrano Rocha⁴
Brenda Dacroce⁵
Moises Romanini⁶

RESUMO

A atuação do psicólogo em ambientes educacionais tem como base um trabalho preventivo e participativo com a equipe pedagógica, que intencione a demanda escolar como ponto de partida de uma ação. O objetivo do trabalho foi aprofundar o entendimento teórico e prático sobre a atuação do psicólogo escolar, através de saídas de campo a uma escola a fim de identificar a demanda específica da instituição e, assim, desenvolver uma intervenção. Dessa forma, o presente trabalho refere-se às observações e intervenções realizadas em uma escola. A demanda, exposta pela equipe de supervisão, orientação e por professores, foi direcionada a duas turmas de sextos anos, especificamente a dois alunos. Para isso, foi desenvolvido uma cartilha intitulada "Problemas Comportamentais e Seus Diversos Fatores", com foco em reconhecer os elementos que participam do desenvolvimento comportamental, cognitivo e psicológico de crianças e adolescentes, demonstrando a influência do contexto no qual o estudante está inserido e de como lida com as situações que vivencia na construção do aprendizado e formas de se comportar perante o meio escolar. No material foram abordados alguns pontos principais que permeiam esse ambiente: questões familiares, aspectos pedagógicos, ambiente escolar e o sujeito. A cartilha foi desenvolvida e disponibilizada para os professores e responsáveis pelos alunos. Percebeu-se, durante as atividades e falas presenciadas, a falta de informações da equipe, referentes ao papel do psicólogo escolar. Desse modo, além da criação da cartilha, o grupo fomentou em reuniões pedagógicas a importância do psicólogo escolar nas instituições, bem como as atividades desempenhadas pelo profissional.

Palavras-chave: Psicólogo Escolar. Observação Participante. Problemas Comportamentais.

1 Acadêmica do Curso de Psicologia da UNISC. E-mail: diessicarc@mx2.unisc.br

2 Acadêmica do Curso de Psicologia da UNISC. E-mail: stefannivargas@mx2.unisc.br

3 Acadêmica do Curso de Psicologia da UNISC. E-mail: deboracamargo1@mx2.unisc.br

4 Acadêmica do Curso de Psicologia da UNISC. E-mail: camiller@mx2.unisc.br

5 Acadêmica do Curso de Psicologia da UNISC. E-mail: brendadacroce3@mx2.unisc.br

6 Professor Adjunto do Departamento de Psicologia Social e Institucional da UFRGS. Doutor em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS. E-mail: moisesromanini@yahoo.com.br



1 INTRODUÇÃO

Desde sua origem, a escola como instituição passa por transformações frequentes, sendo flexível e se adaptando conforme a demanda da sociedade. Para além do seu caráter “instrucional”, a escola desempenha funções fundamentais, como as de socialização e educação (entendida como algo mais amplo e complexo que o processo de ensino). Antunes (2008) ressalta que o ser humano não nasce humanizado, mas torna-se humano através de seu pertencimento ao mundo histórico-social e pela incorporação desse mundo em si, tornando a finalidade da educação transmitir a cultura construída historicamente pela humanidade.

A psicologia escolar, por sua vez, atua no processo de escolarização, tendo a escola e as relações estabelecidas por ela, como foco principal (ANTUNES, 2008). Essa área de pesquisa e atuação da psicologia teve sua origem através da aplicação de testes psicométricos, tendo como papel, dentro da instituição, fazer o diagnóstico e curar, com foco total no aluno, sem relacionar com demais fatores subjacentes, como fatores institucionais, pedagógicos e sociais (NEVES *et al.*, 2002).

A área da psicologia escolar passou por diversas transformações, até que se tornou uma especialidade com definições em seu Manual de Psicologia Escolar Educacional (CASSINS *et al.*, 2007). De acordo com o manual, o psicólogo escolar atua no desenvolvimento, apoio e promoção de instrumentos adequados para o desenvolvimento acadêmico de cada sujeito, a fim de tornar o aluno um cidadão melhor para a sociedade.

O Manual de Psicologia Escolar Educacional também define o que é a Psicologia Escolar na prática, que tem como referência conhecimentos científicos relacionados ao desenvolvimento emocional, cognitivo e social, utilizados para a compreensão dos processos de aprendizagem e orientar a equipe pedagógica na busca de aperfeiçoamentos no processo de ensino. Para que tais tarefas sejam cumpridas, o psicólogo deve interagir com todos os funcionários da instituição e alunos. Além de atuar em parceria com a coordenação da escola, familiares e profissionais que interajam o com o aluno fora do ambiente escolar (CASSINS *et al.*, 2007).

Uma pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Psicologia em 2004, com o intuito de observar o perfil de profissionais da área, constatou que apenas 9,2% dos profissionais que atuam na área, são psicólogos. Reflexo de uma variação no entendimento dos profissionais em relação às definições das atividades que a Psicologia Escolar e a Psicologia Educacional devem exercer. O Manual de Psicologia Escolar caracteriza os objetivos da Psicologia Escolar e Educacional, sendo que compete a elas: ações com equipe pedagógica (diretores, professores e orientadores), com os pais e alunos, com foco na prevenção. É necessário que o profissional participe da equipe multiprofissional, que os processos de ensino e aprendizagem estejam coerentes com o desenvolvimento global do aluno e da comunidade educativa (CASSINS *et al.*, 2007).

Dito isto, direcionamo-nos para a importância da educação inclusiva no Brasil. Através de pesquisas na área, Mendes (2006) faz um breve apanhado do histórico brasileiro na educação especial, que teve origem no século XVI através de médicos



e pedagogos. Porém, as experiências foram escassas e o cuidado com alunos considerados “fora do padrão” ficou de responsabilidade de asilos e manicômios, no intuito de oferecer os devidos cuidados necessários e de proteger a sociedade contra os “anormais”. A autora afirma que, após a Segunda Guerra Mundial, no século XX, surgiram as classes especiais destinadas aos alunos com deficiências e a militares mutilados em reabilitação pós-guerra, sugerindo que um ambiente separado seria mais apropriado para o bom atendimento destes alunos.

De acordo com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei 9.394/96), a educação especial é definida como “modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para portadores de necessidades especiais”. A oferta de educação especial é, portanto, dever constitucional do Estado. Sobretudo, a nova lei de diretrizes básicas decreta “currículos, métodos e técnicas, recursos educativos e organização específicos” para o atendimento adequado de Necessidades Educativas Especiais (art. 59, I) e “professores de ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns” (art. 59, III). O destaque da nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) é a inevitabilidade de capacitações a professores de classes comuns, para que se torne possível uma integração de alunos portadores de Necessidades Educativas Especiais (NEE) no ensino regular.⁷

Segundo Kafrouni e de Souza Pan (2001 apud SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ, 1998), os termos inclusão e integração que são equivocadamente considerados como semelhantes em algumas práticas, apresentam diferenças significativas. O processo de integração busca favorecer um ambiente de convívio com menos restrições, oferecendo oportunidade às pessoas com deficiência em um contexto dinâmico. Por outro lado, a inclusão trata de um novo modo de interação social, buscando modificar valores e atitudes que exigem transformações na estrutura da educação escolar e sociedade.

Ainda conforme Kafrouni e de Souza Pan (2001 apud SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ, 1998), a realidade brasileira está mais voltada para o ato de integração, visto que a inclusão vai muito além de lotar as salas de aula com alunos regulares e alunos com deficiência, ela faz com que a escola se conscientize da sua responsabilidade perante todos, oferecendo uma educação sem discriminação. Dos problemas mais frequentes detectados nas escolas analisadas pelos autores, a falta de um projeto de inclusão está no topo, dentre as nove escolas analisadas na pesquisa, apenas duas possuíam um projeto específico de inclusão.

2 CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCACIONAL OBSERVADO

O grupo de estudantes, do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, optou por desenvolver o trabalho, relativo à disciplina de Psicologia

⁷ Cabe destacar que, a partir dos movimentos sociais envolvidos com a questão da inclusão e de autores mais recentes, a expressão mais adequada é “pessoas com deficiência”. Tal expressão elucida a afirmação da deficiência, mas não como algo que define a identidade da pessoa, como o “sujeito deficiente”, e sim como um elemento significativo de sua subjetividade que deve ser considerado nos processos de ensino e aprendizagem.



Escolar II, ministrada pelo professor Moises Romanini, em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental localizada em um bairro periférico da zona sul do município de Santa Cruz do Sul. Segundo informações, passadas pela vice-diretora da instituição, a escola foi inaugurada no mês de abril do ano de 1995, completando então, no ano de 2019, 24 anos de atividades letivas.

De acordo com a vice-diretora, a instituição de ensino conta com uma equipe de 66 funcionários, sendo 42 professores e 24 funcionários destinados a áreas como limpeza, cozinha, etc. Atualmente atende em torno de 515 alunos, do primeiro ao nono ano, distribuídos entre os turnos da manhã e tarde, para crianças e adolescentes, e no período da noite possui o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) para adultos e jovens acima de 18 anos. Além das atividades letivas regulares, a EMEF possui atividades extras, como a API (Apoio Pedagógico Interativo) e o reforço escolar, que são disponibilizadas para os alunos no turno inverso ao de aula. Possui também a oferta de oficinas como a de marcenaria e a de cuidados com horta e jardinagem.

No presente trabalho serão abordadas questões das demandas levantadas pela escola, que são direcionadas às duas turmas de sextos anos do turno da tarde, mais especificamente, e os nomes que serão apresentados são fictícios. A demanda foi exposta pela equipe de supervisão e orientação, assim como pelos 6 professores que desenvolvem atividades com as respectivas turmas.

O primeiro contato com a instituição foi realizado via e-mail com a direção da escola, em que o grupo solicitou a disponibilidade de uma data e horário para que pudéssemos apresentar a proposta de trabalho e receber, ou não, a autorização da escola para a realização das atividades.

Após o agendamento prévio, o grupo compareceu à escola, onde foi ouvido e autorizado, pela supervisora, a desempenhar o trabalho para a disciplina de Psicologia Escolar II. Além da autorização direta da escola, foi necessário que as alunas comparecessem à Secretaria Municipal de Educação, do município de Santa Cruz do Sul, para apresentar a proposta de trabalho e receber uma segunda autorização. Pela secretaria foram autorizados dois dias para observação do grupo no ambiente escolar.

De forma total, contando desde a breve reunião inicial até o processo de devolução, o grupo pode estar inserido na instituição em quatro momentos, onde conseguimos participar de uma reunião com a equipe de professores dos sextos anos, a orientadora e a supervisora, e realizar algumas observações em sala de aula e no momento do intervalo.

3 RELATO DAS OBSERVAÇÕES

No primeiro encontro na instituição, tivemos a orientação de nos direcionarmos à sala de supervisão. Ao chegarmos no local, a supervisora estava na companhia de um aluno, que chamaremos de Lucas. Para receber as estudantes e conversar com mais privacidade, a supervisora solicitou que o aluno se retirasse por alguns instantes e ficasse sentado em um banco no corredor. A sós com a supervisora, pudemos



explicar o funcionamento do trabalho a ser realizado, expondo o método que seria utilizado, assim como os objetivos a serem alcançados.

Após ouvir a proposta apresentada, a supervisora informou que a demanda que mais têm interferido na execução das aulas é direcionada a questões comportamentais de dois irmãos, Lucas e Pedro, ambos estudantes do sexto ano, que apresentam problemas de comportamento, como atitudes agressivas, vocabulário inadequado, dificuldades em seguir as orientações dos professores, entre outras atitudes.

Segundo informações fornecidas pela instituição de ensino, os irmãos Lucas e Pedro, com idades de 12 e 13 anos, respectivamente, dispõem de um histórico conturbado. Sabe-se que são alunos, vindos com a mãe Maria, de uma cidade do interior do estado, próxima de Santa Cruz do Sul, que se mudou para o município devido a problemas de violências com as crianças, por parte do padrasto. Inicialmente eles frequentaram uma escola estadual, sendo este o local que indicou Maria a procurar atendimento psicológico, pois foi notado nos meninos questões que necessitavam de uma atenção especializada.

Na EMEF os alunos chegaram no início do ano de 2019, pois a família foi beneficiada com um aluguel social e foi morar em bairro próximo à escola. A instituição tem conhecimento de que os irmãos fazem acompanhamento no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência (CAPSIA), e um deles, o mais velho, faz uso de medicação controlada e possui laudo, com o diagnóstico do CID - 10 de F71, que caracteriza retardo mental moderado.

“Não damos conta de tudo...”

Ao conversarmos com a supervisora, ficou nítida a sensação de despreparo [indicada por ela mesma] em relação à forma de lidar com os alunos, que são abordados como os “alunos problemas”. Ela relata que, com grande frequência, os professores pedem para os irmãos irem para a sala de supervisão, pois só assim a aula poderia ser continuada sem interrupções, e isso serve como uma forma de mantê-los ocupados. Além dos aspectos pedagógicos, a ausência de Maria nas solicitações da escola também se apresenta como um obstáculo relatado, pois, segundo a supervisora, “o contato com a responsável é impossível”, que já houve diversas tentativas de diálogo com a mãe que foram falhas.

A instituição já entrou em contato com o Conselho Tutelar, pois além de não comparecer quando a escola solicita, a mãe estava descumprindo uma norma que havia sido definida com o Conselho, a de que Maria acompanharia as crianças na ida e volta da escola enquanto estivesse desempregada. Segundo a supervisora, a instituição faz contato com o CAPSIA e notaram divergências de fatos, pois na escola as crianças se apresentam de uma maneira, com higiene limitada, e no CAPSIA de outra, com aparência limpa e organizada, nas palavras da supervisora: “a gente passa por louca, porque falamos que as crianças vêm para escola sujas e sem tomar banho, e no CAPSIA elas vão sempre bem limpinhas e arrumadas”.



“A minha sala de aula não é um hospital psiquiátrico”

As observações nas duas salas de aula ocorreram durante uma tarde do mês de maio, por duas integrantes do grupo que se revezaram para acompanhar a rotina dos alunos. Os irmãos estudam em turmas separadas, uma forma que a equipe pedagógica encontrou como estratégia para afastá-los. Ambas as turmas foram observadas durante as disciplinas de inglês e matemática.

A observação ocorreu desde o primeiro período da aula da tarde, a supervisora acompanhou a observadora até a sala de aula, apresentou ela à professora e à turma, e solicitou a colaboração e bom comportamento de todos, frente à “visita” da aluna observadora. Após as recomendações da supervisora, a professora deu continuidade às atividades que estavam sendo desenvolvidas. Os alunos estavam em silêncio, concentrados na produção do trabalho que a professora lhes solicitou. A tarefa consistia em buscar todas as palavras em inglês, que a professora havia ensinado desde o início das aulas, e ao lado seu significado em português. O material produzido poderia ser utilizado na prova que aconteceria na semana seguinte.

Durante as atividades, uma pausa foi realizada para a chegada de Lucas, o irmão mais novo. Antes do aluno entrar na sala, todos os colegas já sabiam que era ele quem estava chegando, pois estavam estranhando sua ausência, visto que o aluno tem frequência assídua. A professora orientou Lucas sobre o trabalho que ela havia solicitado e voltou a sentar-se no seu lugar. Lucas estava incômodo com a presença da aluna observadora, e ficou inquieto por alguns minutos, até que seu irmão mais velho, Pedro, entra na sala de aula e retira Lucas, pois estava na hora da sua medicação. Os irmãos saíram e retornaram em menos de cinco minutos, enquanto a turma e a professora continuaram exercendo suas atividades normalmente. Após seu retorno à sala de aula, Lucas pegou seu material, pediu um lápis emprestado ao colega, voltou sua atenção para o material e recebeu novamente orientações da professora, que explicou o que era para ser feito, citou dois exemplos e retornou à sua mesa. Lucas se debruçou na carteira e dormiu até o final da aula de inglês, sem a interrupção de ninguém.

Durante a hora do intervalo, após a chegada da segunda observadora à escola, a orientadora escolar deu boas-vindas à estudante e fez comentários em relação aos dois meninos, sinalizando disfarçadamente quem eram os dois irmãos.

Após o intervalo, durante a disciplina de matemática, as atividades foram realizadas por todos os alunos, inclusive por Lucas, sobre o qual recebemos a queixa que realizava poucas atividades solicitadas. Na metade da aula, debruçou os braços na classe e dormiu novamente. Após alguns minutos, Pedro passou pelo corredor e deu um tapa na orelha de Lucas, o que gerou risos dos outros alunos da turma. Posteriormente ao ocorrido, a supervisora se aproximou da porta da sala e perguntou à professora de matemática quem bateu no menino, e ela respondeu com uma expressão depreciativa: “Foi o irmão né...”.

Enquanto isso, a aula de inglês estava sendo observada na sala de aula ao lado. Os alunos voltaram bastante agitados da hora do intervalo, a professora teve dificuldades em acalmá-los e explicar a mesma tarefa que havia solicitado na turma anterior. O Pedro (irmão mais velho) estava falante e conturbado, fracassou nas



tentativas de apontar um lápis e ficou muito bravo com a situação. Jogou o lápis no lixo e falou “diabo, vai pro inferno, vou te matar”, enquanto olhava para o lápis que já estava na lixeira. Todos os alunos da turma riram da fala de Pedro que ficou ainda mais agitado, alguns alunos fizeram comentários provocativos a Pedro, até que a situação saiu do controle da professora, que pediu o auxílio da supervisora para acalmar os ânimos da turma.

Ao notar a aproximação da orientadora, a turma inteira se acalmou e Pedro foi censurado de maneira extremamente agressiva, com xingamentos baixos como “cala essa tua goela” e “senta essa bunda na cadeira e não levanta até terminar o que a professora pediu”. O aluno ficou nitidamente envergonhado, cabisbaixo e não falou mais nada até o final da aula.

A professora de inglês comentou com a observadora: “a supervisora é a única pessoa que tem o respeito deles nessa escola, se eu grito e falo o que ela diz, eles dão risada na minha cara”. No término da aula de matemática, quando todos alunos saíram da sala, a professora comentou com a observadora sobre o Lucas (irmão mais novo) o seguinte: “Parecia ser outro menino, muito obediente e calmo. Ele é muito esperto!”, por ter realizado as atividades sem oposição. Questionada sobre a sonolência do mesmo, a profissional comentou sobre o uso de medicamentos que em alguns momentos compromete seu desempenho em aula.

Realizamos uma reunião com os professores, a supervisora e a orientadora para coletarmos mais informações sobre a demanda apresentada por eles. Ao longo da conversa sobre a trajetória dos meninos pelos serviços de assistência e saúde mental, pedimos para os professores relatarem sobre como os dois são em sala de aula. O discurso foi unânime em relação ao mau comportamento deles em sala de aula e sobre como perderam a autoridade com os alunos.

Uma professora relatou que “a aula funciona até a hora que eles querem, se eles não quiserem mais prestar atenção na aula, ninguém mais consegue prestar”. Outro relata que “perdemos o domínio da turma, ninguém respeita, se eu peço silêncio, ele [um dos irmãos] manda calar a boca ou fala palavrão e a turma fica toda agitada”. Falaram sobre como é cansativo dar aula nos sextos anos e que tentam adaptar avaliações, por exemplo, mas se eles não quiserem fazer, dormem todo o período e não fazem nada. Uma professora demonstrou, assim como a maioria, muita angústia e frustração com a situação e disse que os meninos deveriam estar em uma classe especial, e não uma classe regular; ela ainda completou com “minha sala de aula não é um hospital psiquiátrico!”.

4 IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DAS POSSÍVEIS DEMANDAS

Partimos com a demanda apresentada pela escola, a respeito dos problemas com os dois estudantes, sem uma identificação clara da análise a ser feita das possíveis demandas, pois toda a equipe da escola apresentou muita angústia nos relatos do caso e não enxergávamos um recurso que seria possível devolvermos para a instituição. Posteriormente, com a angústia que nos foi passada, pudemos fazer uma leitura de toda a situação apresentada e optamos por compreender as dimensões



que permeiam o entendimento dos problemas comportamentais e emocionais levando em consideração aspectos da família, da pedagogia, do ambiente escolar e do indivíduo em si, no caso as duas crianças, que estão na transição entre infância e adolescência.

No período da infância é comum perceber problemas comportamentais causadores de déficits ou excessos na rotina de crianças, isso pode prejudicar as relações entre colegas, amigos e também no contato com adultos, como também na aprendizagem. Quando não identificados ou havendo descaso destes fatores, podem ocorrer dificuldades funcionais relacionadas a variadas áreas no cotidiano das crianças e jovens (BOLSONI-SILVA, 2003).

Na atualidade, as crianças e jovens estão expostos a diversos fatores que podem estimular ou reduzir os riscos para o desenvolvimento de problemas relacionados à saúde mental ou comportamental, fatores como: situação financeira, qualidade escolar, competências individuais, histórico familiar, rede de apoio, entre outros. Acredita-se que os fatores são cumulativos e a exposição da criança a variados fatores de risco pode aumentar as possibilidades de haver o desenvolvimento de interferências que venham a prejudicar seu meio (O'CONNELL, 2009).

No meio familiar é onde se consolida um ambiente para o suporte emocional, desenvolvendo uma rotina seguida de combinações e regras para um convívio organizado, criando um lugar seguro para as possíveis situações de riscos em que as crianças e jovens estão sujeitos à exposição fora e dentro desse ambiente (TEIXEIRA, 2014).

No momento em que alguma criança apresenta alguma dificuldade de aprendizagem permanente, juntamente com comportamentos hiperativos ou até agressivos, no ambiente escolar, a atenção de professores e demais trabalhadores da escola é voltada para esses comportamentos e, conseqüentemente, para a criança. Contudo, inicia-se uma distinção da criança, que apresenta esses problemas comportamentais, das demais, colocando-a nos grupos dos *alunos problemas* (LOPES, 2008).

Lopes (2008) nos apresenta em sua pesquisa a junção que os professores fazem com os ditos *alunos problemas* e os *alunos com deficiência*, em que colocam ambos no grupo dos *alunos de inclusão*. A autora ainda complementa com:

Os alunos de inclusão são citados nos materiais como "os" diferentes, "os" problemáticos, "os" indisciplinados, "os" perturbados emocionalmente, "os" desatentos, "os" hiperativos, "os" com TDAH, "os" esforçados, "os" perdidos, "os" desajustados, "os" que não aprendem, entre outros marcadores que, quando atribuídos aos alunos, os inscrevem como indivíduos a corrigir. (LOPES, 2008, p. 99).

A partir disso, temos o foco no indivíduo, na criança que está passando por todas essas conturbações em sua vida e ainda recebe olhares diferentes e julgadores, em um dos ambientes que mais frequenta, a escola. Dessa forma, apontamos para a importância de compreender o sujeito como um todo, sendo constituído por relações familiares, relações com a comunidade, relações com os amigos e colegas



e, não menos importante, pelas relações com os (as) professores (as) da escola que frequentam.

Ainda segundo a pesquisa de Lopes (2008), encontramos uma reflexão sobre os recursos que são utilizados no ensino dos conhecimentos nas escolas. Coloca-se um tempo e espaço padrão para a aprendizagem dos indivíduos, e os que não seguem esse tempo escolar, são considerados com o aprendizado abaixo da média, ou seja: determinam o tempo de aprendizagem dos alunos, sem considerar que existem muitos fatores que influenciam nesse processo e que, em muitos casos, os recursos pedagógicos usados não são mais os adequados para a criança do século XXI.

As relações entre alunos e professores são de grande importância e influência para o desenvolvimento afetivo-emocional dos alunos, uma vez que o desenvolvimento interpessoal delas passa por essa confiança e aprendizados passados pelos professores e professoras que promovem conhecimento para elas. Essas relações afetivo-emocionais vão desde o encorajamento do professor para com o aluno na realização de determinada tarefa, até o incentivo de autonomia do estudante com seu projeto de vida, por exemplo. Compreendemos, então, a influência que os professores têm no desenvolvimento interpessoal das crianças, que permeia toda a vida escolar do aluno nas suas relações com a comunidade escolar e relacionamentos em geral (SOUZA, 2008).

5 A CONSTRUÇÃO DE UM MATERIAL INFORMATIVO COMO UMA FORMA DE INTERVENÇÃO

Após fazer a escuta dos professores e observar as aulas das turmas de sexto ano, o grupo se deparou com uma dificuldade na produção de um conteúdo que saciasse a demanda emergida na instituição. O fato de se ter dois alunos que não param em sala de aula pode ser um problema, mas de que forma apresentarmos uma devolução à instituição, que compreenda seu papel na formação desses alunos?

Então, o material informativo (Figuras 1 e 2) para a escola foi pensado a partir do tema "Relações Afetivo-Emocionais", e tem como público-alvo responsáveis, professores, equipe diretiva e demais trabalhadores da escola. A cartilha foi intitulada como: "Problemas Comportamentais e seus Diversos Fatores", tendo como propósito principal o reconhecimento dos elementos que participam do desenvolvimento comportamental e cognitivo de crianças e jovens. Foi realizado um desmembramento sobre a relevância de cada fator envolvido na rotina desses indivíduos, como a família, o sujeito, a escola e os aspectos pedagógicos.



Figura 1- Cartilha sobre problemas comportamentais (parte externa)



Fonte: elaborado pelas acadêmicas do Curso de Psicologia.

Figura 2 - Cartilha sobre problemas comportamentais (parte interna)



Fonte: elaborado pelas acadêmicas do Curso de Psicologia.

Com a produção desta cartilha é possível compreender que o desenvolvimento do sujeito não é algo unilateral, mas sim um conjunto de ações e pessoas que participam da formação da criança como sujeito. Consideramos importante levar a reflexão sobre as dimensões que influenciam as crianças e adolescentes para os que convivem com eles, com o objetivo de que possam reconhecer a singularidade alheia e que, através da promoção de oportunidades e conhecimentos, gerem recursos únicos para melhor atender e instigar o desenvolvimento de cada criança e jovem como ser único. Um trabalho coletivo entre família, escola e comunidade, cada um exercendo sua função em busca do desenvolvimento saudável dos escolares.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, podemos constatar na prática o que muitos teóricos afirmam em suas pesquisas sobre a carência de conhecimentos quanto às tarefas exercidas pelo psicólogo escolar. Existe uma crescente produção científica de pesquisas que visam melhorar o desempenho de alunos em sala de aula. E essas contribuições não se reduzem ao trabalho do psicólogo escolar, mas auxiliam no processo de aprendizagem, orientação da equipe pedagógica na busca de aperfeiçoamento e criação de projetos que atendam a instituição completa.

Após as observações em sala de aula, reunião com equipe pedagógica e demanda advinda dos professores, o grupo se deparou com uma sensação de impotência perante a situação. A demanda estava clara, alguma intervenção deveria ser realizada para a boa interação das turmas de sexto ano novamente, mas a dificuldade em trazer essas questões em um único material informativo era enorme. O grupo optou em levar informações sobre a importância do papel que a escola, família e comunidade, possuem juntos na formação dos escolares.

Os dois alunos que possuem comportamentos “fora do padrão” da sala de aula foram apontados como a demanda que mais precisava de solução, sendo os *alunos problemas*. E, realmente, não há como negar que a situação precisava de uma intervenção. Porém, mesmo que o “problema” com esses dois alunos fosse solucionado, o caso não seria resolvido com sucesso, pois a garantia de que novos alunos com comportamentos “fora do padrão” não fossem matriculados na escola em momentos futuro são nulas, visto que sempre há relatos de algum escolar causador dos “problemas” na comunidade escolar.

Cabe destacar ainda que, por se tratar de um trabalho realizado no período de tempo de uma disciplina, a nossa proposta de intervenção tinha a grande limitação do tempo. A instituição esperava que nós atendêssemos a demanda de atender individualmente esses alunos, resgatando a tradicional visão que se têm do profissional psicólogo nas escolas: aquele que recebe a queixa e resolve o problema. Entretanto, nessa escola caberia um bom trabalho de análise institucional e/ou pesquisa-intervenção. Nos poucos momentos que tivemos de observação na escola, observamos uma concepção cristalizada de “aluno problema”, processo de aprendizagem, de ensino e o papel da escola limitado a ensinar os conteúdos. Para abordar todos esses



elementos seria necessário mais tempo, para conseguirmos redimensionar essa demanda pronta da instituição.

Nessa direção, a construção de um material informativo, que despertasse, no mínimo, alguma reflexão entre os professores, foi a nossa forma de intervir. No diálogo com o grupo de professores e coordenação, percebemos uma abertura para problematizações, o que inicialmente não havíamos percebido. Assim, e finalizando essa escrita, destacamos também a importância da articulação entre a universidade e as escolas. O cotidiano escolar está repleto de desafios, para todos os atores educacionais. Em nenhum momento culpamos os professores pela situação encontrada, pois, de fato, muitos deles não sabiam como enfrentar essa situação com os dois estudantes. Alguns professores desmotivados. Afinal, trata-se de uma conjuntura econômica, política e social muito desfavorável à educação e a quem acredita nela. Ações como essa evidenciam a necessidade de a psicologia superar a visão individualizante, remediativa e curativa de sua atuação nos contextos educacionais.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. A. M. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 12, n. 2, p. 469-475, 2008.

BRASIL. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9.394/96. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini. **Habilidades Sociais Educativas, variáveis contextuais e problemas de comportamento**: comparando pais e mães de pré-escolares (Tese de doutorado não-publicada). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2003. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-10082004-134158/publico/doutorado.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2019.

GAUY, F. V. Crianças e adolescentes com problemas emocionais e comportamentais têm necessidade de políticas de inclusão escolar?. **Educar em Revista**, n. 59, p. 79-95, 2016.

KAFROUNI, R. M.; DE SOUZA PAN, M. A. G. A inclusão de alunos com necessidades educativas especiais e os impasses frente à capacitação dos profissionais da educação básica: um estudo de caso. **Interação em Psicologia**, v. 5, n. 1, 2001.

LOPES, M. C. In/exclusão escolar: a invenção de tipos específicos de alunos. **Revista Colombiana de Educación**, n. 54, p. 96.119-96.119, 2008.

MADUREIRA, I. P.; LEITE, T. S. **Necessidades educativas especiais**. Lisboa: Universidade Aberta, 2003.

CASSINS, A. M. *et al.* **Manual de Psicologia escolar – educacional**. Curitiba: Gráfica e Editora Unificada, 2007.

MENDES, E. G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Revista Bra-**



sileira de Educação, v. 11, n. 33, p. 387-405, 2006.

NEVES, M. M. *et al.* Formação e atuação em psicologia escolar: análise das modalidades de comunicações nos congressos nacionais de psicologia escolar e educacional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 22, n. 2, p. 2-11, 2002.

O'CONNELL, M. E.; Boat, T.; Warner, K. (ed.). **Prevention mental, emotional, and behavioral disorders among young people: Progress and possibilities**. Washington, D.C.: The National Academic Press, 2009.

PACHECO, J. *et al.* **Caminhos para a inclusão**: um guia para o aprimoramento da equipe escolar. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANCHES, I.; TEODORO, A. Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. **Revista Lusófona de Educação**, n. 8, p. 63-83, 2006.

SOUZA, K. S. M. de. **O papel do educador para o desenvolvimento afetivo-emocional do estudante** / Dissertação– Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação – Nível Mestrado, PUCRS. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2788/1/000408662-Texto%2bCompleto-0.pdf>. Acesso em: 23 de jun. 2019.

TEIXEIRA, M. C. T. V. *et al.* Fatores de proteção associados a problemas emocionais e comportamentais em escolares. **Estudos de Psicologia**, v. 31, n. 4, p. 539-548, 2014.

